

ARCAÍSMOS NO VALE DO JURUÁ¹

Milton Chamarelli Filho (UFAC)

phaneron1@hotmail.com

Jacqueline de Freitas Maciel (UFAC)

jacqueufac@gmail.com

1. Considerações iniciais

Um dos motivos que explica a existência de arcaísmos em uma língua é a conservação de formas linguísticas, após um período inicial de contato com outra língua que a constituiu. A literatura linguística (CHAVES DE MELLO, 1962; ILARI, 2004; CASTILHO, 2004) relata casos em que línguas como o romeno e o português do Brasil guardam ainda formas linguísticas das línguas que as fundamentaram: o latim e o português arcaico, respectivamente.

Considerando-se que a mesma relação de influência pode ser estabelecida entre grupos que utilizam variedades regionais de uma mesma língua, supomos que os arcaísmos podem ser também encontrados em locais que tiveram contato com um dialeto primevo, em um momento inicial, pela afluência de uma população colonizadora.

Nesse sentido é que se podem observar as relações existentes entre a variedade dialetal, falada no vale do Juruá (AC), e aquela falada no Ceará, tendo em vista que um grande contingente de pessoas desse Estado afluíu àquela região, no período da Segunda Grande Guerra Mundial, com a finalidade de trabalhar na extração do látex, utilizado pelos Estados Unidos da América, para a composição de material bélico. Por conta do ofício que praticaram, esses migrantes, em terras acreanas, foram chamados “soldados da borracha”. Em virtude da influência que exerceram, deixaram aos falantes locais uma variedade linguística que apresenta traços semelhantes àquela ainda utilizada no Ceará. A forma que encontramos para medir essa influência foi observar o léxico regional, na medida em que por ele os aspectos culturais tornam-se mais evidentes.

Com a presente pesquisa, fizemos o levantamento de algumas palavras que ainda se conservam na fala de determinados grupos da popu-

¹ O presente artigo é o resultado de um subprojeto de Iniciação Científica, desenvolvido ao longo de dois anos (2006/2007; 2007/2008). Financiada pelo CNPq.

lação do Juruá, quais sejam, ribeirinhos, população rural em geral, mas que, por outro lado, já se distanciam da fala da população urbana jovem, na medida em que esta passa a considerar socioculturalmente relevante o vocabulário trazido por novas levas de falantes e pela mídia televisiva.

2. *Ambiência da pesquisa*

O Município de Cruzeiro do Sul, no Estado do Acre, foi fundado há mais de cem anos e é considerada a segunda cidade do Estado. Atualmente, este Município assiste a um processo de urbanização cada vez maior, mesmo estando isolado geograficamente da capital, Rio Branco, mas não isolado dos outros municípios que, com ele, formam o vale do Juruá. Para “a capital do vale do Juruá”, como assim é chamada, afluem pessoas das outras cidades vizinhas, fazendo com que Cruzeiro se torne uma cidade-referência na região.

O processo de urbanização trouxe à cidade características que começam a diferenciá-la cultural e linguisticamente da sua zona rural e da periferia. O convívio com populações de diversas partes do país modificou hábitos, mas também a linguagem dessa população, que vive no extremo ocidente do Brasil.

Ao mesmo tempo em que novos valores surgem, outros se perdem. Basta que andemos nas áreas periféricas da cidade para constatar-mos que muitas palavras e construções linguísticas já não são mais usadas pelas pessoas que vivem no centro urbano.

Possivelmente, estamos diante de um processo acelerado de mudança linguística, sem que percebamos sua importância. Cada vez mais voltada para os valores urbanos, a cidade adere ao falar “comum” dos grandes centros e da grande mídia, perdendo, possivelmente, os vínculos culturais que a constituíram, desde a sua fundação. Em que medida ou em que proporção essa perda acontece? Foi esse o objeto da nossa pesquisa. Quais palavras já foram perdidas — e com que elementos culturais elas perderam seu vínculo? — ou, em termos mais técnicos, que palavras já poderiam ser consideradas “arcaísmos”, para a população urbana, principalmente para a população jovem? Essa população as reconhece, as utiliza? Fazem parte de sua “competência ativa” ou de sua “competência passiva”? Nossa pesquisa pretendeu responder a essas indagações.

3. Metodologia

Utilizou-se, para a obtenção de dados, a pesquisa com informantes, atendendo ao critério “método de entrevista sociolinguística de narrativas de experiência pessoal” (TARALLO, 1990, p. 21) e “metodologia do trabalho dialetal” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 23-36), considerando-se que são procedimentos comumente aceitos e empregados nas pesquisas nas áreas de Sociolinguística e Dialetoлогия, respectivamente. A pesquisa, em um primeiro momento, foi realizada principalmente em regiões periféricas e rurais, visto que supúnhamos que nessas áreas encontraríamos um número razoável de palavras que não são mais utilizadas pelos falantes urbanos, notadamente, jovens.

Arquivos públicos e particulares também foram consultados, com a intenção de corroborar os dados obtidos por gravação. Em um segundo momento, perguntamos aos nossos informantes se eles conheciam ou não aquelas palavras por nós consideradas “em extinção”.

Os dados, após coletados, foram transcritos com base no Alfabeto Fonético Internacional. Nossa intenção, ao transcrever as palavras, foi a de principalmente preservar formas que, de fato, não são mais usadas pela população jovem. Dentre essas formas podemos encontrar palavras que não são dicionarizadas (cf. tabela abaixo).

4. Resultados e discussão

Constatou-se, por meio da nossa pesquisa, que já existe uma fronteira entre as falas da população do centro urbano e da zona rural e periférica de Cruzeiro do Sul. Sendo assim, os jovens do centro urbano: ou “conhecem” as palavras enquanto competência “passiva”, ou as ignoram.

Não há como saber exatamente quais dessas palavras permanecerão na fala da comunidade linguística, mas pode-se razoavelmente supor que muitas delas desaparecerão rapidamente, até porque o seu uso recebe julgamentos sociais por parte dos falantes. Ou seja, a utilização não apenas de determinadas palavras, mas de variantes, de uma maneira em geral, pode servir como fator identificador de um grupo², consolidando a partir da sua fala, seus valores, mas pode também, ao mesmo tempo, sub-

² Labov (1991), em *Estudo sobre a centralização dos ditongos na Ilha de Marta's Vineyards*, mostra-nos como a utilização de uma determinada variante serve como fator de identificação de um grupo social.

jugá-lo a partir do momento que em que se é comparado com falar de outra comunidade que goze de mais prestígio.

Há uma dinâmica na língua e, em virtude também desse fator, algumas palavras caem em desuso (arcaísmos). Muitas delas deixam de ser usadas pelo fato de os objetos com que mantinham referência perderem-se no tempo. Podemos arrolar nestes casos exemplos como aqueles citados por Coutinho (1976: 212): “bombarda”, “bucelário” e a “gardinga” etc. Nestes casos, se encontram, especificamente, os substantivo do nosso *corpus* (cf. tabela abaixo). Outras se perdem em função mesmo dos novos conceitos que surgem e que acabam por recobrir os mais remotos. Tal como ocorre com os verbos, adjetivos e interjeições encontrados no nosso *corpus* (cf. tabela abaixo).

Deparamo-nos com algumas dificuldades para a composição do glossário, já que, para a sua elaboração, são necessários conhecimentos também de outras áreas, tais como biologia, geografia e lexicografia, dentre outras.

Como objetivo final desta pesquisa, coletaram-se 87 palavras que foram catalogadas em forma de um pequeno glossário. Cf. abaixo:

Palavras	Classe gramatical ³	Significado
1. Arriata	s.f.	Alça de caçuá
2. Avolumado	v.	Avolumar
3. Aluviado	adj.	Idiota, imbecil
4. Acuado	adj.	Encabulado
5. Abirobado	adj.	Maluco, doido
6. Arisco	adj.	Agitado
7. Arrupiar	s.	Sentir medo
8. Alocéu	adj.	Bagunça
9. Apatrechado	s.m.	Apressado
10. Agranel	adj.	Venda de produto por unidade
11. Avia	adj.	Apressar se
12. Arremendano	v.	Vir. Imitar alguém, macaquear
13. Armadilha	s.f.	Emboscada
14. Assulêro	v.	Correr com medo de alguma coisa
15. Ávore rendoso	adj.	Árvore frutífera
16. Apreço	s.m.	Carinho, uma pessoa carinhosa
17. Afirmativa	s.f.	O mesmo que afirmação, confirmação
18. Apreciável	s.m.	Suficiente
19. Banido	s.m.	Podre, estragado

³ Utilizamos as abreviaturas tradicionais.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

20. Brocho	s.m.	Pessoa boba, atrapalhada
21. Biró	adj.	Doido
22. Bisca	s.f.	Pessoa em que não se pode confiar
23. Breu	s.m.	Espécie de látex, usado para fazer fogo
24. Barrica	s.f.	Tambor grande usado para armazenar farinha
25. Barrela	s.f.	Mixuruca, sem valor
26. Bregueço	s.m.	Objeto sem valor
27. Coivara	s.f.	Monte de pau mal queimado
28. Caçuá	s.m.	Cesto de cipó
29. Capanga	s.f.	Bolsa a tira colo, usada para carregar munição
30. Canga	s.f.	Objeto de madeira que se coloca no boi para carregar madeira
31. Casco	s.m.	Canoa
32. Carombé	s.m.	Jaboti macho
33. Curisco	s.m.	Raio
34. Chapa	s.f.	Prótese dentária
35. Escravacar	s.	Cavar
36. Enfiera	s.	Coletivo, feixe de peixe
37. Elegia	s.f.	O mesmo que alergia
38. Esfiapar	v.	Desfiar tecido
39. Encangado	v.	Juntos, amarrados
40. Encalchar	s.f.	O mesmo que forrar, deixar impermeável
41. Fadiga	s.f.	Cansaço
42. Faxiar	adj.	Pescar ou fraturar parte do corpo
43. Felicítamos	v.	O mesmo que parabenizar
44. Furquia	s.f.	Vara com gancho
45. Guela	s.f.	Garganta
46. Goa	interj.	De negação
47. Garroncha	s.f.	Arma de fogo, espingarda
48. Goiva	s.f.	Formão, usado uma espécie de para cavar canoa
49. Gogo	s.m.	Doença contraída pelas aves galinhas
50. Incalombado	s.m.	O mesmo que empolado, cheio de caroço,
51. Ispera	s.f.	Uma espécie de giral feito na mata para surpreender a caça
52. Incangado	s.m.	Agarrado a algo ou alguém
53. Incarnado	s.m.	Cor vermelho
54. Jarico		Saco que serve para carregar objetos
55. Lelé	s.m.	O mesmo que maluco, doido
56. Magote	s.	Coletivo. Muita gente junta no mesmo lugar
57. Modinha	s.f.	Música antiga
58. Mocó	s.	Pessoa tímida envergonhada
59. Muim	s.m.	O mesmo que moinho
60. Ocado	s.m.	Faminto
61. Ovo do cão	s.m.	Uma espécie de furadeira feita de madeira, usado para furar ferro
62. Paulada	s.f.	Ágil, inteligente
63. Pau	s.m.	Estrume, esterco
64. Pastorar	s.f.	Esperar alguém

Suplemento da *Revista Philologus*, Ano 17, Nº 49, 2011

65. Panero	s.m.	Cesto de cipó
66. Pivídia	s.f.	Capa que pega na língua das galinhas
67. Ponchu	s.m.	Suco de frutas
68. Poronga	s.f.	O mesmo que lamparina
69. Povir	s.m.	Futuro
70. Ponsa	v.	Possa, pode
71. Passamento	v.	O mesmo que desmaio
72. Quarador	s.m.	Lugar onde se põe a roupa para pegar muito sol
73. Quebra jejum	s.m.	O mesmo que tomar café
74. Remendano	v.	O mesmo que costurar
75. Resguardado	s.m.	Livres
76. Sacutelo	s.m.	Saco preso a arriata, usada para carregar utensílio de pesca
77. Trupicacão	s.m.	Tropeçar em algo ou alguma coisa
78. Truvisco	s.m.	Bêbado
79. Truvisco	s.m.	O mesmo que relâmpago
80. Toró	s.m.	Chuva muito forte
81. Tropo	s.m.	Tonto
82. Vote	interj.	Interjeição de espanto ou admiração
83. Varadô	s.m.	Caminho feito no igarapé
84. Varado	s.m.	O mesmo que faminto
85. Vareda	s.f.	Caminho ou rastro deixado por animal na mata
86. Visagem	s.f.	Assombração, algo sobrenatural
87. Vermei	s.m.	O mesmo que vermelho

5. Conclusões

Ao fazermos esse levantamento, resgatamos uma parte da cultura juruaense, já que procuramos mostrar os vínculos que palavras tinham e têm com aspectos da realidade local e regional. Apontou-se, com isso, para alguns hábitos, costumes e objetos que vão sendo perdidos ou relegados, em função do contato com outras culturas ou até mesmo em virtude da mídia.

Pelo contato com essas palavras, percebemos que arcaísmos abre-se ao estudo maior do léxico regional, na medida em que algumas dessas palavras listadas são formas já dicionarizadas com significados semelhantes, cf. itens 1, 2, 27, 28, 29, 30 etc.; outras são também formas dicionarizadas, mas que passaram a ter outro significado cf. item 3; outras são variações de formas dicionarizadas, porém com significados diferentes cf. breguesse ('pessoa impertinente' > bregueço); formas dicionarizadas, com a mesma pronúncia, mas com significados diferentes, cf. barrela 'água onde se ferve cinza e que é usada para branquear roupa; cenrada, coada, decoada' > barrela ('sem valor'); breu > breu ; formas não-

dicionarizadas, tais como ‘abirobado’ e sua variação ‘biró’, ‘brocho’. Não foi nossa intenção estabelecer percentuais a partir desses critérios, nem muito menos, por consequência, fazer qualquer tipo de inferências a partir dos parâmetros listados a partir dessas observações.

Sendo assim, nossa pesquisa é um retrato de uma época de transição, mais nitidamente percebida em função da própria dinâmica a que a língua está submetida. Aponta-se, com isso, que uma língua não existe independentemente da sociedade e da cultura que a constitui; não existe independentemente dos seus falantes, mas sim sem virtude dos valores que gozam de maior prestígio social, mesmo que se perca, com isso, o lastro de identidade sociocultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, A. T. O português do Brasil. In: ILARI, R. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 2004.

CHAVES DE MELLO, G. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

COUTINHO, I. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

ILARI, R. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 2004.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.

TARALLO, F. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1990.

TOCANTINS, L. *Formação histórica do Acre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, v. 2.

_____. *O Estado do Acre*. Rio Branco: Tribunal de Justiça do Estado do Acre, 2003.